

O jovem
Gilberto Freyre,
em 1915



MANUEL CORREIA DE ANDRADE

é professor emérito de Geografia Econômica da Universidade Federal de Pernambuco e diretor do Centro de Documentação Histórica da Fundação Joaquim Nabuco. É autor, entre outros, de *A Terra e o Homem no Nordeste* (Atlas), *As Raízes do Separatismo no Brasil* (Unesp), *Modernização e Pobreza* (Unesp).

Gilberto Freyre

**e o impacto
dos anos 30**

UMA TENTATIVA DE PERIODIZAÇÃO

Não é fácil fazermos uma periodização da obra de Gilberto Freyre; ele foi um escritor que produziu numerosos livros e centenas de artigos, ao lado de ensaios, publicados nas mais diversas revistas, num período de mais de sessenta anos, abordando temas os mais diversos. Se dividirmos a sua vida e a sua atuação, veremos que em cada período ele enfatizou mais determinados assuntos, embora, ao lado do tema principal, tenha dado ênfase a outros temas.

Para melhor compreender a sua obra e a sua posição na vida brasileira, poderíamos dividir a sua produção em quatro fases: a) a inicial, compreendendo o período em que viveu nos Estados Unidos e na Europa, e a sua atuação no Recife, ao voltar, podendo-se admitir que ela se estendeu de 1917 a 1930, quando a sua preocupação central foi o levantamento da vida social brasileira e a sua afirmação regionalista; b) a fase que compreenderia os anos 30 e 40, quando produziu livros que tentavam explicar a formação da sociedade patriarcal brasileira, ligando-a à colonização portuguesa, enfatizando a participação de pessoas de cor nessa formação e equacionando a importância dos problemas ecológicos. Nesse período, ele exerceu o mandato de deputado federal por Pernambuco e criou o então Instituto Joaquim Nabuco, atual Fundação; c) a terceira fase corresponde aos anos 50 e 60, quando ele centrou a sua atenção nos problemas internacionais, levantando a teoria da luso-tropicologia e a idéia de formação de uma comunidade luso-brasileira; d) na quarta fase, ele continuou defendendo as idéias formuladas nos trabalhos da juventude e da maturidade, dedicando grande atenção ao Manifesto Regionalista, e dispersou mais a sua preocupação cultural, escrevendo romances e ensaios sobre temas específicos, como o da modernidade (1972) e o do crescimento urbano desordenado.

Ao fazermos esta periodização, dando uma ênfase maior a determinado tema para cada fase, não queremos considerá-lo como único ou exclusivo, mas como principal; na realidade, os períodos extravasam entre si, e uma preocupação dominante em um período já havia sido vislumbrada no período anterior e, muitas vezes, reaparece em períodos posteriores.

MODERNIDADE E REGIONALISMO

Gilberto Freyre iniciou-se nos estudos sociais muito jovem, com menos de 20 anos, ao estudar em Baylor, nos Estados Unidos, fazendo a sua graduação e, em seguida, em Colúmbia, fazendo o mestrado, cujo título foi obtido com uma tese sobre a vida social no Nordeste (1922). Durante os anos que permaneceu na América do Norte, recebendo ensinamentos de figuras como Boas e Seligman, teve sempre preocupação com o Nordeste do Brasil e manteve uma coluna no *Diário de Pernambuco*, em que publicava artigos sobre a realidade americana e sobre problemas e livros editados no Brasil (1979). Dentre os contatos que manteve nos Estados Unidos recebeu uma grande influência do historiador Oliveira Lima, que vivia em Washington como professor da Universidade Católica. Nas bibliotecas americanas ele teve acesso não só a livros europeus e americanos de filosofia, de ciências sociais e histórico-geográficos, como também aos principais ensaios que eram publicados no Brasil e aos estudos e depoimentos dos cronistas do período colonial.

Uma das características da postura gilbertiana, naquele período, foi a de valorizar tanto textos mais gerais de sua área de conhecimentos, como as informações empíricas, não tendo preconceitos quanto às posições ideológicas dos vários autores, chegando mesmo a utilizar, indistintamente, ao formular suas proposições, tanto autores considerados de direita como os de esquerda.

Na volta a Pernambuco, e ligado que era ao governador Estácio Coimbra, homem de posições modernizadoras, apesar

de ser um lúcido representante do grupo açucareiro, Gilberto influenciou setores como o da educação, confiado ao pedagogo Antonio Carneiro Leão, o da saúde, entregue ao seu primo Ulisses Pernambucano, grande inovador na área da psiquiatria, enquanto Carlos Lyra Filho era diretor do *Diário de Pernambuco* e homem da agroindústria canavieira.

Nos anos 20, quando Pernambuco viveu uma fase agitada, tanto no setor político como no cultural, ele organizou o *Livro do Nordeste* (1925) para o *Diário de Pernambuco*, que comemorava o seu centenário como jornal mais antigo em circulação na América Latina; nesse livro, contou com a colaboração de escritores consagrados, de empresários e de jovens escritores, com temas do maior interesse para a cultura e a vida pernambucana e nordestina, como a agroindústria canavieira, os transportes, o teatro, a música, a arte de fazer renda, etc., esquecendo temas mais em foco, até então, como as chamadas revoluções libertárias ou a dominação holandesa.

Com grande capacidade de liderança, ele se opôs ao chamado Movimento Modernista de São Paulo, após a Semana de Arte Moderna, de 1922, que teve grande repercussão em todo o país, cujo principal representante no Nordeste foi o jornalista Joaquim Inojosa (1968). Um grupo de jornalistas e poetas no Recife aderiu àquele movimento, enquanto outros ficaram à margem do mesmo, como os regionalistas, liderados por Gilberto Freyre, os quais compreendiam pessoas das mais diversas posições políticas, que achavam que as idéias modernistas não deveriam ser importadas, mas conquistadas a partir da renovação das próprias tradições nacionais e regionais. Esse grupo, formado por professores, como Odilon Nestor – internacionalista –, por médicos, como Alfredo Coutinho Filho, por jornalistas, como Carlos Lyra Filho, por antropólogos, como Estevão Pinto, psicólogos, como Sylvio Rabelo, e críticos literários, como Olívio Montenegro, foi ampliado por jovens estudiosos que depois se tornariam famosos, como Manuel Diéguas Junior,

Aderbal Jurema, José Antonio Gonçalves de Melo, os irmãos José e Clarival do Prado Valadares, entre outros.

O Manifesto Regionalista, que pretendia valorizar a cultura nordestina, procurava também valorizar a participação do negro e do indígena na formação brasileira, além dos hábitos e costumes regionais, sobretudo no que dizia respeito à alimentação, às relações inter-raciais, aos hábitos familiares, ao uso da moradia, etc. A partir daí passou-se a aceitar o Nordeste como região diferente do Norte.

A ANÁLISE DA FORMAÇÃO DA SOCIEDADE PATRIARCAL

A revolução de 30 teve um grande impacto sobre Pernambuco, que se colocara ao lado de Washington Luís, apesar de este estar ligado por laços muito fortes à Paraíba, estado vizinho que deu o candidato a vice-presidente da República na chapa oposicionista – João Pessoa. Gilberto, como secretário e amigo de Estácio Coimbra, acompanhou-o na “aventura do exílio”, aproveitando a vida na Europa, em Portugal sobretudo, para aprofundar suas pesquisas e reflexões e fazer contatos nos meios universitários.

Ao voltar ao Brasil, tomou atitudes que contrariavam os poderosos do dia, tendo sido preso, em fevereiro de 1935, por assinar manifesto contra a Lei de Segurança Nacional (*Diário de Pernambuco*, 1935), contrariando as autoridades constituídas por suas ligações com grupos afro-brasileiros que professavam religiões africanas; foi, porém, tolerado pelo Governo Federal, uma vez que participou do corpo docente da Universidade do Distrito Federal, dirigida por Anísio Teixeira e que foi fechada pela ditadura, após 1935, depois da prisão do prefeito do Distrito Federal, Pedro Ernesto. Gilberto escreveu artigos para a revista *Cultura Política* (1942), para a qual colaboraram também outros escritores de esquerda, como Nelson Werneck Sodré,

Graciliano Ramos, Edmar Morel, etc.

Em 1933, publicou o seu livro, *Casa Grande & Senzala*, pela editora Maia & Schmidt Ltda., do Rio de Janeiro. Esse livro provocou um verdadeiro impacto nos meios culturais do país por valorizar as contribuições negra e índia à formação brasileira, colocando-as no mesmo nível de importância da contribuição portuguesa, branca. Dos cinco capítulos do livro, dois são dedicados à influência negra, enquanto um é dedicado ao branco e o outro ao índio. O primeiro capítulo dá uma visão totalizante da obra. E, da leitura de *Casa Grande & Senzala*, um dos livros mais importantes que já se escreveu no Brasil, conforme testemunho de autores como Antonio Candido e Darcy Ribeiro, passa-se a entender que o Brasil não é uma Europa tropical, como desejavam alguns estudiosos, mas um país que resultou da mistura de três raças, com características próprias e que se miscigenaram, dando um produto original.

No prefácio ao livro, que é uma verdadeira apresentação, Gilberto indica livros que estudou e que o influenciaram, demonstrando uma grande abertura política do seu pensamento e uma formação dialética de suas idéias, inclusive chamando atenção para o livro de Caio Prado Junior, então recém-lançado, ao afirmar, sobre *Evolução Política do Brasil (Ensaio de Interpretação Materialista do Brasil)*, “com o qual me encontro de acordo em vários pontos” (1933, XV), e Astrogildo Pereira, no qual se contrapõe a Oliveira Viana, em artigo publicado em jornal do Partido Comunista do Brasil (1933, XIV), *Voz Operaria*.

Em *Casa Grande & Senzala*, Gilberto estuda sobretudo o escravo negro que trabalhava na casa-grande, o negro doméstico e a sua influência, valorizando a miscigenação e a morenidade e salientando os hábitos da vida cotidiana. Valorizou as relações de adaptação do colonizador ao meio ambiente, na construção de habitações, na alimentação, absorvendo hábitos alimentares de negros e indígenas, nas relações familiares em que o chefe de família, o

senhor de engenho, exercia um poder discricionário sobre a mulher, os filhos, os escravos e os agregados, extravasando esse poder para fora de suas propriedades, nas relações de sexo e nas relações com as autoridades régias.

Em meio conservador como o brasileiro, em geral, e o pernambucano, em particular, o livro provocou uma grande reação dos grupos, que afirmavam que, infiltrando-se na intimidade das famílias, o sociólogo tinha uma ação desmoralizadora e desestruturadora, do ponto de vista social. A Congregação Mariana de um colégio religioso, freqüentado pela fina flor da sociedade pernambucana, chegou a sugerir que se fizesse uma fogueira para queimar o livro, e uma revista auto-intitulada de direita, *Fronteiras*, fez fortes ataques ao livro, a que chamava de “Casa Grande sem Sala” acusando o sociólogo de pornografia e de difusão de idéias dissolventes.

Apesar da campanha feita contra o livro, seu sucesso foi enorme, e, já em 1936, Gilberto lançava um outro, *Sobrados e Mocambos*, em que analisava a decadência do patriarcado rural no Brasil e a sua adaptação à vida urbana. Nele, o sociólogo mostrava como a evolução social apresentava modificações e capacidade de adaptação a essas modificações ocorridas na sociedade. Mostrava, ainda, como o patriarcado, que parecia uma estrutura monolítica e homogênea, gerava, em suas entranhas, a semente de sua contestação, e que, além das relações contraditórias entre o senhor e o escravo, entre o negro e o branco, havia contradições também dentro da própria família patriarcal. Assim, em uma sociedade em que, teoricamente, o chefe, o senhor, tinha todos os poderes sobre a família e os agregados, havia mulheres fortes que assumiam a direção econômica e política com firmeza e energia, suplementando ou até substituindo a autoridade do marido e chefe. Certamente suas reflexões a esse respeito vieram do conhecimento da história de Pernambuco e do papel desempenhado por mulheres como Ana Paz, senhora do engenho Casa Forte, durante o domínio holandês, das

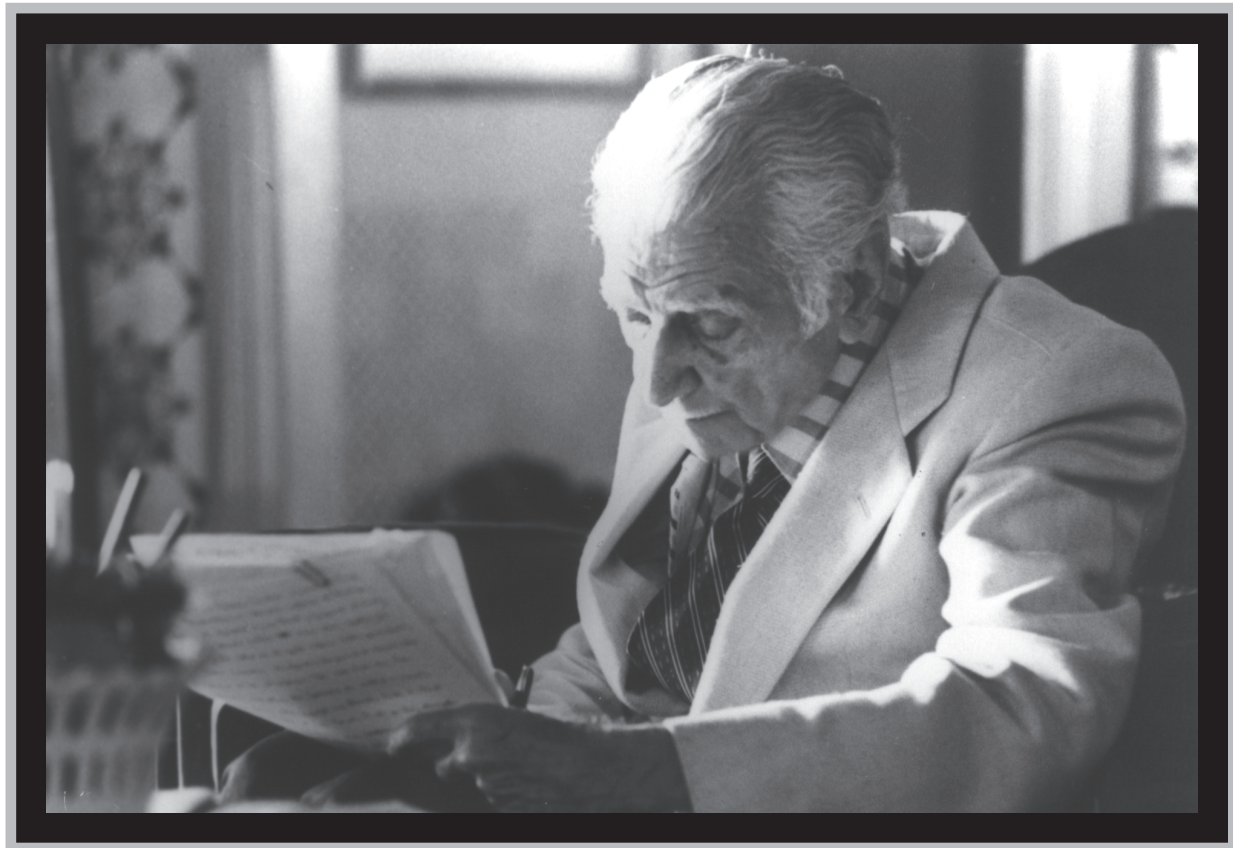
mulheres de Tejucupapo, que resistiram aos holandeses durante o ataque à povoação, quando os homens estavam ausentes, de uma matriarca de Goiana, da família Nunes Machado, tia do grande líder praiereiro a quem os perseguidos da então importante cidade imploravam chamando por um “Salve-me D. Guidinha”, ou D. Olegarinha Carneiro da Cunha, que tanto se destacou ao lado do marido José Mariano, no apoio à causa abolicionista, etc.

Do seio das casas-grandes de engenho e dos sobrados da cidade, saíram grandes revolucionários que se opuseram às idéias político-conservadoras dos seus ancestrais. Assim, Manuel de Carvalho Paes de Andrade, líder da Confederação do Equador, era um senhor de engenho, Joaquim Nabuco, pelo lado materno, um Paes Barreto, estava ligado ao engenho Massangana, onde foi criado, Cristiano Cordeiro, um Coutinho pelo lado materno, foi fundador do Partido Comunista do

Brasil em 1922; pertencendo a uma família de destaque de senhores de engenho de Nazaré e também oriundo da velha oligarquia açucareira, era o tenente Lamartine Coutinho Correia de Oliveira, um dos líderes da revolta comunista de 1935, no Recife. Em seu livro, Gilberto salienta que a cidade acarretou um pouco mais de abertura tanto para os senhores como para os escravos que passaram a conviver com a população pobre, livre ou escrava, que vivia nas cidades. E é bom lembrar que já em 1711 havia no Recife uma massa de população pobre que apoiou os mascates na luta contra os “pés raspados” e que, no início do século XIX, militares negros e mulatos puseram pânico à população branca, com a revolta do capitão Pedro da Silva Pedroso.

A questão do patriarcado seria continuada, em 1959, no livro *Ordem e Progresso*, com depoimentos de políticos, empresários e intelectuais da geração que fez ou que participou da República, e seria conti-

O escritor em seu gabinete, na Fundação Joaquim Nabuco (1980)



nuada em *Catacumbas e Covas Rasas*, ainda inédito.

Em 1937, o ciclo regional ou regionalista e patriarcal foi reforçado com a publicação do livro *Nordeste*, no qual ele analisa o desmoronamento da sociedade açucareira patriarcal e a substituição, bastante traumática, do banguê pela usina. É quando ele mostra como a abolição da escravatura, realizada por um político da oligarquia açucareira – João Alfredo –, apoiado pelo líder da oligarquia cafeeira – Antonio Prado –, provocou importantes mudanças sociais: houve um aumento da concentração de terras, com a absorção, pela usina, de numerosos engenhos, e criou-se o problema do absenteísmo, uma vez que o usineiro vivia na cidade, geralmente na capital, e não tinha contato com os trabalhadores que construíam sua riqueza.

A concentração da propriedade provocava um estreitamento na pirâmide social e levava ao desaparecimento do patrimônio histórico, com o abandono de casas-grandes e de capelas rurais, e destruiu as relações patriarcais entre senhores e escravos, agora empregados, assalariados, foreiros, moradores, etc. (Andrade, 1985). Um outro impacto foi o ecológico: com a implantação de grandes destilarias de álcool, substituindo as primitivas destilações de aguardente, a usina passava a despejar nos rios e riachos resíduos, o vinhoto, apodrecendo suas águas e provocando a morte dos peixes, além do mau odor que se sente por vários quilômetros. Além disso, o desenvolvimento do transporte ferroviário e o crescimento do número de padarias nas vilas e cidades iriam provocar ou intensificar o desmatamento e a destruição das florestas. Desmatamento que era também intensificado pela necessidade de expansão das áreas cultivadas com cana-de-açúcar.

Nesse livro, Gilberto Freyre aborda o problema do uso das drogas, quando afirma que os proprietários, por necessitarem de maior utilização da força de trabalho na época da moagem da cana, não davam importância à utilização da maconha por parte dos trabalhadores, na entressafra, uma

vez que, drogados, eles perdiam a capacidade reivindicativa. Isso em uma região em que sempre houve certa resistência ao domínio dos empresários rurais.

AS QUESTÕES REGIONAL E NACIONAL

A problemática regional levou Gilberto Freyre a retornar a uma velha questão que preocupava os estudiosos brasileiros desde o tempo do Império: a caracterização das regiões brasileiras. No período colonial o território brasileiro era dividido, de forma genérica, em Norte e Sul, estando o Nordeste e a Amazônia incluídos em um mesmo bloco. Posteriormente, em estudos de geografia política e de política propriamente dita, começou-se a distinguir algumas áreas dentro de cada uma das duas unidades, como o chamado continente de São Pedro do Rio Grande do Sul (Rodrigues, 1954) e o Maranhão, no Norte.

Gilberto, em seus estudos, a partir do Congresso Regionalista de 1926, caracterizou a existência de uma região nordestina, distinta da do Norte, e a sua subdivisão em duas sub-regiões, uma de clima úmido – a Mata – e outra de clima semi-árido – o Sertão. Como diretor da Coleção Documentos Brasileiros, ele resolveu escrever um livro sobre a primeira região, enquanto o sociólogo cearense Djacir Menezes (1937) escreveu um outro sobre a segunda. Só posteriormente é que o então Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) dividiu o território nacional em grandes regiões geográficas, consagrando a existência do Nordeste.

A partir do problema regional, ele passou a analisar a questão nacional, propugnando por uma unidade cultural brasileira, com o que chamou de cultura luso-brasileira. Nessa orientação, entrou em choque, durante a Segunda Guerra Mundial, com o geomorfólogo R. Mark, que defendia a coexistência de uma cultura alemã entre os descendentes de colonos alemães

Na outra página,
Gilberto Freyre,
em 1980, na sede
da Fundação
Joaquim Nabuco

radicados no Brasil (Freyre, 1940). Em seguida, procurou desenvolver um ramo de saber que denominou de luso-tropicologia, baseado na idéia de que os portugueses, vivendo em uma região de clima subtropical e ligados à África pela influência moura e pela proximidade mediterrânea, teriam maior facilidade de adaptação e de convivência social com os povos tropicais. Para difusão desses princípios, Gilberto Freyre viajou, escreveu livros e artigos e institucionalizou um Seminário de Tropicologia que se realiza faz mais de vinte anos, a princípio na Universidade Federal de Pernambuco e em seguida na Fundação Joaquim Nabuco.

O desdobramento geopolítico dessa idéia levou o sociólogo a defender a formação de uma comunidade luso-brasileira, que compreenderia tanto Portugal como o Brasil e as então colônias portuguesas da África – Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe –, da Ásia – Índia Portuguesa e Macau – e da Oceania – Timor Leste. A língua e os traços culturais ibéricos seriam o laço de união que os solidificaria. Essas idéias estão expostas em livros e conferências (Freyre, 1961).

Uma questão poderia ser levantada: será que o Brasil, por sua posição geográfica e por sua formação sociocultural, está posicionado como um país sul-americano, voltado para o continente em que se situa ou que, com sua longa fachada atlântica, encontra-se voltado para os países africanos de língua portuguesa? A implantação do Mercosul, que é posterior às proposições de Gilberto Freyre, indica um direcionamento mais forte para os países hispano-americanos do continente, mas uma análise geopolítica do Atlântico Sul indica também que a vocação brasileira é conciliar as duas direções, numa posição de equilíbrio e de influência tanto na América Latina como na África. É muito arriscado fazer prognósticos, mas a efetivação do Brasil como potência mundial vai depender dos rumos que forem tomados pelo processo, em curso, de globalização e do jogo de influências entre as grandes potências atuais.



DIVERSIFICAÇÃO DE TEMAS E CONCEITOS

Gilberto Freyre, a partir dos seus temas favoritos, em uma fase anterior, partiu para divagações, análises e realizações em setores e áreas afins aos mesmos. Assim, na década de 30, ele organizou no Recife um congresso de estudos afro-brasileiros, reunindo participantes das mais diversas profissões e classes sociais; reuniu, ao lado de escritores consagrados, como Artur Ramos, Jorge Amado, médicos, como Ulisses Pernambucano, historiadores, como J. A. Gonçalves de Melo, babalorixás, como pai Adão, além de quituteiras (1937). Sua preocupação com alimentação levou-o a organizar um livro de receitas de bolos e doces (1939) no qual divulgou receitas mantidas como secretas por famílias tradicionais. Deu continuidade a estudos sobre o negro, desenvolvidos por intelectuais, como Nina Rodrigues, analisando e criticando as suas obras e também convivendo com lideranças negras em terreiros de xangô e em clubes carnavalescos. Esse congresso de estudos africanos foi muito combatido pela imprensa de direita – revista *Fronteiras*, sobretudo – acusando-o de ser comunista ou comunistizante.

Um problema que muito preocupou o sociólogo de Apipucos foi o crescimento urbano; Gilberto era, a um só tempo, um modernizante e um tradicional, e chamou a atenção para os problemas criados pelo crescimento desordenado das cidades, o aumento da população devido à imigração desordenada, sem que as mesmas tivessem condições de absorver esses migrantes. Em estudo sobre o tema, afirmou que as nossas cidades não cresciam, “inchavam”, e criou o termo “rurbano” (1982) para admitir que entre a cidade e o campo, entre o urbano e o rural havia áreas que conviviam com as duas tendências.

O impacto da questão social, muito aguçado no Recife, e o estudo de textos de médicos, como Afrânio Peixoto e Nina Rodrigues, podem ter levado Gilberto

Freyre a uma grande preocupação com a medicina e a questão racial. É bom lembrar que no início de sua vida discutia-se muito o problema das desigualdades sociais e do desejo de se desenvolver uma política de embranquecimento da população brasileira (Viana, 1932). Idéia que orientou em uma direção seletiva a política imigratória brasileira. Gilberto Freyre defendia as vantagens da miscigenação e da direção à modernidade, salientando a existência de um Brasil mestiço e não de um Brasil branco (Freyre, 1967). Estava, assim, mais próximo de Manuel Bonfim (1931) do que de Alberto Torres ou Oliveira Viana (1933).

A questão da habitação popular foi também uma de suas preocupações, que deve ter contribuído para que, nos anos 40, ele tivesse se indisposto seriamente com o então interventor federal no Estado, Agamenon Magalhães, que desenvolvia uma política de eliminação de mocambos – palafitas construídas sobre o leito dos rios Capibaribe e Beberibe – e de transferência de seus moradores para vilas populares construídas sobre aterros. Gilberto demonstrava que não se poderia construir vilas em número suficiente para absorver a população dos mocambos e que os migrantes continuariam a chegar e a construir novos mocambos, já que não tinham condições econômicas de se manter nas casas das vilas populares; defendeu uma política de higienização e de urbanização dos mocambos, tendo escrito um livro a respeito desse tipo de habitação. Os desentendimentos com Agamenon foram se aguçando e levaram Gilberto a uma posição mais radical, que redundaria na liderança, que assumiu, dos estudantes universitários de Pernambuco, na luta contra o Estado Novo e no apoio dentro da UDN (União Democrática Nacional) da chamada esquerda democrática, de que foi presidente em Pernambuco e eleito para deputado federal em 1946. Quando a esquerda democrática se transformou em Partido Socialista, Gilberto desligou-se da mesma.

Quando se discutia, de forma intensa, os problemas da modernidade e da globalização, Gilberto Freyre participou de

debates, escrevendo artigos que depois foram reunidos em livros (1972). Em sugestões sobre o possível futuro para o homem, afirmava que não haveria mudanças lineares e homogêneas, tanto em escala mundial como em escala nacional, uma vez que essas mudanças estariam sempre ligadas às tradições, à cultura e às aspirações nacionais e regionais. Ele entendia a modernidade, dialeticamente, como pluralidade e não como homogeneidade. Desenvolveu ainda idéias no sentido de que o “sim” e o “não” são condicionados no tempo e no espaço e que essas duas categorias não são fixas nem bem delimitadas, uma vez que o passado está no presente, o

presente no futuro e o futuro está no presente e no passado além de no próprio futuro. É daí a idéia do tempo tríplice.

Gilberto Freyre, como Sergio Buarque de Holanda, Caio Prado Junior e Josué de Castro, foi umas das figuras centrais do pensamento brasileiro, que deu uma contribuição extraordinária ao desenvolvimento das ciências sociais no Brasil. Seus livros, suas idéias e sua ação necessitam ser estudados com a maior isenção possível por todos aqueles que desenvolvem a reflexão sobre a sociedade e o destino da nação brasileira no difícil momento em que vivemos e na confusão intelectual que presenciamos.

BIBLIOGRAFIA

- ANDRADE, Manuel Correia de. *A Terra e o Homem no Nordeste*. 5ª edição. São Paulo, Atlas, 1985.
- BONFIM, M. *O Brasil Nação. Realidade e Soberania Brasileira*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1931.
- DIÁRIO DE PERNAMBUCO. *O Livro do Nordeste*. Comemorativo do 1º Centenário. 1825/1925. Recife, 1925.
- DIÁRIO DE PERNAMBUCO de 20 de fevereiro de 1935.
- FREYRE, Gilberto. *Social Life in Brazil in the Middle of the 19th Century*. New York, Universidade de Colúmbia, 1922.
- . *Tempos de Aprendiz*. Artigos escritos entre 1918 e 1926, reunidos e organizados por José Antônio Gonsalves de Mello. São Paulo, Ibrasa/MEC, 1979.
- . “A Propósito do Presidente”, in *Cultura Política*, nº 5, julho de 1941, pp. 123-6.
- . *Casa Grande & Senzala*. Rio de Janeiro, Maia e Schmidt, 1933.
- . *Sobrados e Mocambos. Decadência do Patriarcado Rural no Brasil*. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1936.
- . *Ordem e Progresso*. 2 vol. Rio de Janeiro, José Olympio, 1959.
- . *Uma Cultura Ameaçada: a Luso Brasileira*. Recife, 1940.
- . *O Luso e o Trópico*. Lisboa, Comissão Executiva das Comemorações do Quinto Centenário da Morte do Infante D. Henrique, 1961.
- . *Açúcar. Algumas Receitas de Doces e Bolos dos Engenhos do Nordeste*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1939.
- . *Rurbanização: que é?*. Recife, Massangana, 1982.
- . *Sociologia da Medicina*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1967.
- . *Além do Apenas Moderno. Sugestões em Torno de Possíveis Futuros do Homem em Geral e do Homem Brasileiro em Particular*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1972.
- . *Mocambos do Nordeste. Alguns Aspectos sobre o Tipo de Casa Popular mais Primitivo do Nordeste no Brasil*. Rio de Janeiro, Ministério de Educação e Cultura, s/d.
- et alii. *Novos Estudos Afro-Brasileiros*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1937.
- INOJOSA, Joaquim. *O Movimento em Pernambuco*. 3 volumes. Recife/Rio/ São Paulo, 1968.
- MENEZES, Djair. *O Outro Nordeste*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1937.
- RODRIGUES, José Honório. *O Continente de São Pedro*. Rio de Janeiro, Edições São José, 1954.
- VIANNA, Oliveira. *Raça e Assimilação*. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1932.
- . *Evolução do Povo Brasileiro*. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1933.